



MULHERES TORCEDORAS DE FUTEBOL: QUESTIONANDO AS MASCULINIDADES CIRCULANTES NAS ARQUIBANCADAS¹

Mariana Zuaneti Martins²

RESUMO

Este trabalho objetivou descrever e comparar os discursos e ações empreendidos por torcedoras ativistas que reivindicam “igualdade” de gênero nas arquibancadas. Foram entrevistadas quatro mulheres ativistas de coletivos femininos de futebol que frequentam estádios. Estas torcedoras descrevem as interdições que vivenciam nas torcidas, como negociação com essa situação, suas reivindicações coletivas e a decisão de se organizar, a fim de garantir “igualdade” e “empoderamento” nas arquibancadas.

PALAVRAS-CHAVE: torcidas, mulheres, futebol, gênero.

1 INTRODUÇÃO

As interdições e barreiras de gênero se fizeram e se fazem presentes nos esportes, como é o caso do futebol. Segundo Dunning (DUNNING; ELIAS, 1992), o futebol foi a última área de sociabilidade reservada aos homens e, por isso, servia como espaço único e ubíquo para manifestação e afirmação de uma masculinidade agressiva. Contudo, as resistências e barreiras à presença de mulheres no futebol, bem como a invisibilidade e proibição da prática, não significaram inexistência, uma vez que as mulheres cotidianamente praticam e assistem a modalidade e ressignificam a cultura buscando um espaço legítimo para esta prática (GOELLNER, 2005).

As pesquisas sobre torcidas têm destacada a relação entre o estilo de vida do torcedor organizado, as masculinidades presentes e a violência, enfoque este que tem contribuído para uma invisibilidade da presença das mulheres na arquibancada. Dunn (2014, p. 3) destaca que em geral os autores são homens e consideram que o “football supporter” é também um homem, que contribuiu para ratificar um lugar de marginalização às mulheres na assistência esportiva. Em geral, o perfil atribuído ao “supporter” ou “fan” é masculino, mesmo não sendo ‘generificado’, são tradicionais, autênticos torcedores, advindos da classe trabalhadora e agressivos. As mulheres, nestas narrativas, são não usuais, ora invisíveis, não são autênticas, são de classe média e civilizadas (DUNN, 2014, p. 7). No entanto, têm emergido diversos coletivos de torcedoras que reivindicam sua visibilidade e seus direitos nas arquibancadas, lutando contra o machismo no contexto das torcidas e no futebol. Considerando

¹ O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² UFES, fale.com.marief@gmail.com

este cenário, objetivei descrever e comparar os discursos e ações empreendidos por estas torcedoras ativistas que reivindicam “igualdade” de gênero nas arquibancadas.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é caráter exploratório e buscou compreender os discursos de uma rede de ativistas feministas torcedoras de um clube do Estado de São Paulo. Esta rede é composta por mulheres integrantes de duas torcidas organizadas e de um coletivo feminista não vinculado às torcidas. Para tanto, utilizamos duas ferramentas: as matérias vinculadas pela rede social facebook deste grupo e entrevista semiestruturadas com quatro mulheres (duas da torcida A; uma da torcida B e outra do coletivo feminista). A partir dessas entrevistas, buscamos descrever e comparar suas percepções sobre a presença de mulheres em arquibancadas, suas demandas, estratégias de ação, possíveis divergências e estratégias comunicativas para a ampliação de suas ações.

3 APROXIMAÇÕES, NEGOCIAÇÕES E TENSÕES NAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS ARQUIBANCADAS

A presença de mulheres como torcedoras não é novidade no futebol espetacularizado. No Brasil, o surgimento do termo “torcedor”, que é a forma pela qual é designado o “fan” brasileiro, adveio do público feminino que frequentava os estádios no início do século XX. Este público levava lenços para saudar os jogadores no início das partidas. Ao longo das partidas, todavia, estes lenços eram “torcidos”, representando os gestos de aflição, uma vez que não poderia gritar ou enunciar xingamentos para exprimir seu sofrimento durante o jogo (HOLLANDA, 2008, p. 96). Nesta época os homens já estavam presentes no estádio, destaca Hollanda (2008), no entanto, alguns preferiam ficar atrás do gol, distante da presença das mulheres, para poderem expressar sua angústia da forma como bem entendessem.

Se nas primeiras décadas do século XX, a presença das mulheres constrangia torcedores de manifestar sua masculinidade *agressiva* (MONTEIRO, 2003) nos estádios, ao longo dele, as mulheres foram sofrendo algumas interdições à aproximação às torcidas e às arquibancadas. Segundo torcedoras paulistas entrevistadas, neste estado, as interdições são até mais presentes que em outros, como no Rio de Janeiro e Minas Gerais. Segundo elas, as mulheres estavam presentes em torcidas organizadas (TO's) desde o início das organizações e tinham possibilidade de desempenhar diversas funções dentro desses coletivos. Todavia, estas ações passaram por interditos nas últimas décadas, de acordo com uma delas, em função do cenário de perseguição que as TO's são vítimas, sobretudo após o episódio conhecido como Guerra do Pacaembu de 1995. A dissertação de César (1981, p. 42) confirma este cenário, uma vez que ilustra uma situação em que uma garota da torcida Gaviões da Fiel tocava pandeiro nas arquibancadas. Tal como na descrição de César (1981), a presença de mulheres, ainda que não interditasse a participação na bateria da torcida, imputava um código de conduta para que sua presença fosse legitimada dentro da torcida.

Este código de conduta se referia, por exemplo, aos comportamentos “sexuais”. Por mais que existissem envolvimento amorosos entre os integrantes da torcida,

era importante que as mulheres não demonstrassem estar lá com essa finalidade. Esta lógica também perpassou os discursos das torcedoras que entrevistei. Segundo elas, era importante demonstrar que a garota estava lá “pelos corres” do clube e não “atrás de garotos”. Para tanto, ela deveria “se dar ao respeito”, evitar “aparecer muito”, sobretudo quando se tratava de vestimentas. Os torcedores homens costumam ser muito críticos às mulheres que vão ao estádio de *shorts* curto, sapato de salto e maquiagem. Esta vestimenta seria inadequada ao ambiente esportivo, porque, segundo elas, poderia despertar muita atenção de outros homens presentes, gerar assédio e, por conta disso, poderia acarretar em brigas dentro da própria torcida, uma vez que se um homem a assediasse, outro membro da torcida teria que intervir defendendo-a. Ainda, seriam as próprias mulheres que seriam responsáveis por guardar a conduta das outras, sobretudo, as novas integrantes, informando-as das regras simbólicas, dos comportamentos esperados e cobrando-as quando elas as infringissem, diagnóstico este também presente na pesquisa de Campos(2010). Ainda que esta percepção não tenha aparecido no relato de todas as entrevistadas, este *modus operandi* contribui para criar um ambiente de disputa entre as mulheres nas TO's, dificultando a solidariedade entre elas e unidade para reivindicarem maior direito de participação nos espaços da mesma.

As torcedoras entrevistadas relatam ainda que, uma vez que precisavam se legitimar dentro das torcidas, participavam desse jogo simbólico, regulando suas vestimentas, cobrando e, muitas vezes, julgando outras garotas. Comentam ainda que, por mais que as mulheres estejam presentes, ainda é comum dizer que a presença delas nas “quadras” das torcidas é “para fazer vinagrete” nas festas das organizadas. Uma vez que elas começaram a questionar algumas das interdições, quando já frequentando as quadras há muitos anos, foram julgadas pelos homens. Uma delas, hoje mais afastada da TO que integrava, relatou ser chamada pejorativamente de “Leila Diniz” pelos outros homens. Elas questionam, atualmente, por que as mulheres não podem tocar instrumentos nas baterias das TO's, “tremular bandeira” nos estádios, ir a algumas caravanas consideradas perigosas – ou mesmo ser a última das prioridades na hora de distribuição de ingressos da TO – e participar da gestão da torcida. Uma delas integrou a equipe de comunicação de uma TO, uma vez que era jornalista e a frequentava há anos, mas não atingiu um cargo de direção. Outra relatou que, apesar de ser a pessoa que organizava as caravanas da cidade dela para os jogos do clube, era questionada localmente, algo que inclusive ajudou-a a distanciar-se. Por fim, outra delas relatou que sempre esteve à frente dos “corres”, mas quem assumiu publicamente a gestão da seção local da torcida foi seu esposo, por conta de demandas da diretoria da TO, impedindo que fosse uma mulher.

Tal situação provoca inquietações e desgastes nas mulheres que frequentam estádios com torcidas organizadas no Estado de São Paulo. Por conta delas, estas torcedoras começaram a se organizar e alguns coletivos de ativistas começaram a surgir por dentro ou autônomos às TO's. Exemplos disso são o movimento “Toda poderosa”, de ativistas corinthianas, o movimento Respeito Futebol Clube, *supra*-clubístico, que discute as desigualdades e discriminações que as mulheres sofreram nos estádios. Essas torcedoras negociam cotidianamente com as torcidas seu lugar, mas evitam o enfrentamento direto, por acreditarem que isso, quando acontece, mais as distancia do ambiente que lhe favorece a ocupar o espaço desejado. Não à toa, também, evitam, em certa medida, se auto-denominar feministas, uma vez que

tal termo é visto de forma bastante pejorativa pelos outros torcedores, que julgam que a existência de um movimento feminista no interior da torcida perturbaria a masculinidade circulante lá.

Por fim, por iniciativa de um movimento mais amplo de torcedores homens e mulheres, com um encontro intitulado “Futebol, mídia e democracia”, as mulheres presentes se organizaram e decidiram impulsionar um Encontro Nacional de Torcedoras. Este começou a ser articulado a partir dos contatos que essas tinham por TO’s e grupos autônomos de todo o país, objetivando a “igualdade e o empoderamento” nos estádios. Ainda que tais termos signifiquem concretamente direitos distintos a serem reivindicados localmente, a proposta delas é trocar experiências e definir uma plataforma mínima de direitos para reivindicar aos organizadores dos espetáculos esportivos, visando deixar as arquibancadas mais possíveis de serem frequentadas por mulheres e de se sentirem “incluídas” como consumidoras (ainda que esse sentido varie de acordo com a pessoa entrevistada), bem como às TO’s. A troca de experiência visa “empoderar” as mulheres para que elas ocupem de forma mais incisiva seu espaço nas arquibancadas, algo que elas vêm timidamente negociando.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei demonstrar a pluralidade de sentidos atribuídos às diferenças de gênero nas arquibancadas, demonstrando como a masculinidade circulante envolve, invisibiliza e cria um teto de vidro à presença das mulheres, sobretudo nas TO’s. As mulheres, por sua vez, tem resistido questionando as fronteiras, as regras simbólicas e organizando-se para reivindicar “igualdade e empoderamento”, duas clivagens também plurais na compreensão dessas mulheres ativistas torcedoras.

MUJERES AFICIONADAS AL FÚTBOL: CUENTINANDO LAS MASCULINIDADES PRESENTES EN EN LAS HINCHADAS

*RESUMEN: Este trabajo describe y compara los discursos y acciones emprendidos por aficionadas activistas que reivindican “Igualdad” de género en las gradas. Fueron entrevistadas cuatro mujeres activistas de equipos de fútbol que frecuentan estadios. Estas aficionadas describen las prohibiciones que viven en las porras, como negocian con esta situación, sus reivindicaciones colectivas y sus decisiones para organizarse, con el fin de garantizar “Igualdad” y “empoderamiento” en las gradas.
PALAVRAS-CHAVE: hinchas, mujeres, fútbol, genero.*

WOMEN FOOTBALL SUPPORTERS: PROBLEMATIZING MASCULINITIES IN THE STADIUMS.

*ABSTRACT; This paper aimed to describe and compare the discourses and actions undertaken by women football supporters who claim gender “equality” in the stadiums. Four women activists were interviewed. These supporters described the interdictions on their participation on supporting, how they negotiate with them, their collective demands, and the decision to organize themselves to claim for “equality” and “empowerment” in the stadiums.
PALAVRAS-CHAVE: supporters, women, football, gender.*

REFERÊNCIAS

CAMPOS, P. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão.** Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2010.

CESAR, B. T. **Os gaviões da fiel e a aguia do capitalismo : ou, o duelo.** Dissertação de Mestrado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1981.

DUNN, C. **Female Football Fans - Community, Identity and Sexism.** Londres: Palgrave Macmillan, 2014.

DUNNING, E.; ELIAS, N. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

HOLLANDA, B. B. DE. **O clube como vontade e representação [recurso eletrônico] : o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988).** Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História, 2008.

MONTEIRO, R. DE A. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar, Raça Rubro-Negra!:** uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência. Rio de Janeiro: FGV, 2003.